

# TRADUÇÃO

---



## INVESTIGAÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE A ORIGEM FENOMENOLÓGICA DA ESPACIALIDADE DA NATUREZA<sup>1</sup>

*FUNDAMENTAL INVESTIGATIONS ON THE PHENOMENOLOGICAL  
ORIGIN OF NATURE'S SPATIALITY*

Edmund Husserl

Tradução de Enio Paulo Giachini<sup>2</sup>

Independentemente de muitas repetições e revisões, as seguintes folhas são fundamentais para uma **teoria fenomenológica originária da espacialidade, da corporeidade, da natureza no sentido da ciência da natureza** e, assim, para uma **teoria transcendente do conhecimento científico-natural**. Todavia, fica em aberto se ainda não seriam necessários complementos.

Há uma distinção entre o mundo na abertura (*Offenheit*) do mundo circundante (*Umwelt*) e o mundo na infinitude colocada pelo pensamento – sentido dessa infinitude: o “mundo existindo na idealidade da infinitude”. Qual é o sentido dessa existência, do mundo infinito “essente” (*seindend*)? A abertura como não pensada completamente até o fim como horizontalidade feita de forma representativa, mas já formada implicitamente. A abertura da paisagem (*Landschaft*) – saber que, por fim, vou alcançar os limites da Alemanha – antecede as das paisagens francesa, dinamarquesa etc. Eu não percorri e nem conheci o que está no horizonte, mas eu sei que outros conheceram um trecho à frente, e depois outros ainda conheceram

<sup>1</sup> Este manuscrito foi composto em 7 de maio de 1934. Sua informalidade e caráter incompleto dão uma vívida impressão de Husserl trabalhando. No invólucro onde ele se encontrava estava escrito o seguinte comentário descritivo: “*Derrocada da teoria copernicana* na interpretação da visão de mundo usual. A Arché-terra não se move. Investigações fundamentais sobre a *origem* fenomenológica da *corporeidade da espacialidade da natureza* no primeiro sentido científico-natural. Todas as pesquisas iniciais necessárias”. Disponível em: <<http://www.ophen.org/pub-108092>>. Acesso em: 10 jul. 2016 (Tradução de Enio Paulo Giachini).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor da FAE Centro Universitário.  
*E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

um novo trecho – representação de uma síntese dos campos atuais de experiência, que fornece e produz mediatamente a representação da Alemanha (enquanto país, inserida na Europa etc.) – e, por fim, a Terra. A representação da Terra surgindo como unidade sintética, análoga ao que se dá numa experiência sequente e ligada onde surgem os campos de experiência humano-singulares na unidade de um campo de experiência. Só que estou relatando sobre os outros; fazendo analogias me aproprio de suas descrições e constatações e formo representações universais. O que se deve distinguir expressamente é:

- 1) o tornar intuitivo (*Anschaulichmachen*) o horizonte da **representação de mundo** pronta, como foi formada em transposições aperceptivas e antecipadas, em projetos de pensamento;
- 2) o caminho que passa da constituição da representação de mundo de uma representação de mundo já pronta, por exemplo, o mundo circundante do negro ou do grego, na direção do mundo copernicano das ciências naturais próprio da modernidade.

Nós, copernicanos, homens da modernidade, dizemos:

A Terra não é **toda a natureza**, ela é uma das estrelas no espaço infinito do universo. A terra é um corpo em forma esférica, mas que não é perceptível de uma vez e em seu todo de um só sujeito, mas é formada por uma síntese primordial como unidade de experiência singular interligada. Todavia, um corpo! Muito embora, para nós, seja o solo de experiência para todos os corpos na gênese da experiência de nossa representação de mundo. Esse **solo** não é experimentado por primeiro como corpo: num nível mais elevado da constituição do mundo a partir da experiência, ele se transforma em corpo-solo, e isso suspende sua forma-solo originária. Ele se torna corpo total, suporte de todos os corpos satisfatoriamente experimentáveis, de todos os corpos experimentados até o presente de forma plenamente (normal) em todos os aspectos, ao modo como são experimentados antes que as estrelas passem a ser contadas também como corpos. Ora, a Terra é o grande bloco maciço, sobre o qual estão e a partir do qual surgiram e poderiam ter surgido para nós sempre também pequenos corpos por fragmentação e desmembrando.

Se a Terra alcançou validade constitutiva de corpo – assim como, por outro lado, também as estrelas, como as que aparecem numa manifestação distante, têm validade de corpos, só que não são totalmente acessíveis –, isso afeta a ideia de repouso e

movimento que deve advir desta – movimento que se dá sobre a Terra ou na Terra, partindo dela, indo para ela. Na forma originária de representação, a Terra não se move e não repousa, e só referidos a ela que repouso e movimento têm sentido. Depois, porém, a Terra **se move** ou repousa – e igualmente as estrelas, e a Terra como uma entre elas. Na **visão de mundo** ampliada ou reformulada, como movimento e repouso alcançam sentido de ser correto – sua visão, evidência verificável pelo pensamento? Não é uma transferência (*Übertragung*) aperceptiva quista, mas em todo caso deve poder ser demonstrada.

Como tal, a elaboração da visão de mundo, da visão dos corpos singulares, de espaço, de tempo e de causalidade natural faz com que estas caminhem de mãos dadas.

Analisemos o movimentar-se de corpos na função originariamente intuitiva da Terra como **solo**, ou dos corpos compreendidos na originariedade, reais na possível mobilidade e mutabilidade – ou seja, sendo lançados longe, ou de algum modo se movendo não sei para onde (em relação à Terra como solo terreno). Corpos no espaço terreno são móveis – têm um horizonte de movimentação possível, e quando cessa movimento, a experiência traça a possibilidade de mais movimento, eventualmente junto com a possibilidade de nova causalidade móvel através de um possível impulso etc. Corpos são reais em possibilidades abertas, que se realizam naquilo que se torna real por eles, em seu movimento, mudança (não mudança como forma singular possível de mudança). Corpos estão em movimento real e possível, deixando sempre aberta a possibilidade de realidade, de avanço, de mudança de direção etc. Corpos também estão **entre** outros corpos reais e possíveis e correlativamente são experimentados realmente ou possivelmente, em seus movimentos, mudanças reais etc., em suas **circunstâncias** reais. Essas possibilidades estão abertas de antemão, *a priori*; e, enquanto possibilidades essentes, são passíveis de representação intuitiva, de demonstração visível. Elas têm isso como modos, que pertencem ao ser dos corpos e da multiplicidade dos corpos.

Em todo avanço da apercepção de mundo, a unidade de uma **visão de mundo** deve comprovar (*bewähren*) a possibilidade de mundo – como a possibilidade, e o universo das possibilidades abertas que perfaz a consistência básica da realidade do mundo. O núcleo da experiência atual (ontologicamente, aquilo que é experimentado do mundo neste ou naquele aspecto, e eventualmente já tem validade como realidade conhecida numa concordância, a partir da síntese da experiência) torna-se núcleo de experiência do mundo, núcleo daquilo que é pré-lineado por ele e pré-lineado como

espaço de jogo de possibilidades. Isso significa um espaço de jogo de possibilidades uníssonas a serem levadas adiante iterativamente. O mundo se constitui elevando-se e – em relação à natureza como sua consistência abstraível – numa horizontalidade, na qual o ente é constituído realmente em possibilidades de ser todo o tempo pré-delineadas. Pré-delineada é a forma de mundo trazida posteriormente a conceitos e juízos, “pensada” juntamente a eles pela ontologia, dentro da qual se move todo pré-delineamento indutivo relativamente determinado, o que cada vez se determina na expectativa, no curso da experiência real, da própria e da comunicativa, na comprovação ou reprovação que surge como a realidade que ora se mostra.

Nos quadros de possibilidades reais que se pré-delineiam indutivamente, a experiência real penetra sinteticamente em uníssono e capta este ou aquele fragmento realmente visível como campo de mundo que se oferta como ser comprovado. Isso gera corpos em repouso ou movimento, em não mudança ou mudança para mim e eventualmente para nós, numa comunhão (*Vergemeinschaftung*) atual. Mas o que se dá ali é um aspecto em que nem tudo está decidido, o que é determinado sensorialmente a partir das possibilidades de horizonte para o mundo plenamente constituído. Aqui vale isso: o repouso se dá como decisivo e absoluto, assim como o movimento: a saber, no primeiro patamar, em si, da constituição da Terra como solo.

Mas a forma como a Terra se transformou em corpo do mundo na multiplicidade aberta dos corpos circunstantes, repouso e movimento também perde seu caráter absoluto. Movimento e repouso tornam-se necessariamente relativos. E se devesse haver uma controvérsia a respeito, seria só porque a apercepção moderna do mundo como mundo dos horizontes copernicanos infinitos não se tornou para nós uma apercepção de mundo comprovada a partir de uma visão de mundo realizada realmente. (Apercepção do mundo, apercepção como tal, é a consciência de validade, com o sentido de ser mundo com todos os graus da constituição). A transferência aperceptiva se deu de tal modo que permaneceu apenas a indicação para uma visão que a comprove, em vez de ser construída realmente até o fim como demonstração (*Ausweisung*).

Como é determinado propriamente em si um corpo (seu lugar, seu posto no tempo, sua duração e configuração) como identificável e reconhecível nessa qualificação, e, assim, como deve ser pensado em sua possibilidade de ser determinado? Toda demonstração, toda comprovação das apercepções de mundo em formação, já formadas (como transferências aperceptivas que avançam, nas quais a partir da objetividade e do mundo já constituídos o mesmo mundo é aparelhado

com um sentido de nível superior, até a constituição derradeira) e plenas do mundo se constitui progressivamente em seu próprio estilo estável – toda demonstração tem seu ponto de partida subjetivo e sua base de ancoragem final no eu, o demonstrante. A comprovação da nova **representação de mundo**, a do sentido modificado, encontra seu sustentáculo e núcleo no meu campo de percepção e na apresentação orientada do setor de mundo em torno do meu corpo somático (*Leib*), como corpo (*Körper*) central entre os outros, todos eles dados com seu conteúdo essencial visivelmente próprio, em repouso ou movimento, em modificação ou não modificação. Aqui já se formou uma certa relatividade de repouso e movimento. É necessariamente relativo um movimento que é experimentado em relação a um **corpo-solo** (*Bodenkörper*), experimentado como se estivesse em repouso, com o qual meu corpo somático físico está em unidade. Esse mesmo pode estar em movimento, mas pode a todo momento colocar-se em repouso, e então experimentar-se em repouso. Naturalmente, porém, o corpo-solo relativo está relativamente em repouso e relativamente em movimento em relação ao solo-terra, que não é experimentado como corpo – experimentado realmente de forma originária. **Corpos-solo** relativos: posso estar num carro andando (que é então meu corpo-solo), como também posso estar sendo carregado por um vagão de trem – nestes casos, meu corpo-solo é inicialmente o corpo que me sustenta em movimento. O veículo é experimentado como em repouso. Mas se olho para fora, digo que ele se move, embora veja que é a paisagem lá fora que se move. Sei que subi no vagão, vi aquele vagão em movimento com pessoas dentro, sei que elas, como eu, quando estou a bordo, veem o mundo ao redor em movimento etc. Conheço a inversão do modo de experimentar repouso e movimento, como por exemplo num carro em marcha, no qual já embarquei e logo desembarquei tantas vezes. Mas tudo está diretamente referido ao solo de todos os corpos-solo relativos, ao solo-terra: tenho implícito na apercepção toda mediação (*Mittelbarkeit*) e posso recorrer a ela em consenso para confirmá-la.

Ora se eu “penso” a Terra como um corpo movimentado – então, para poder pensá-la como isso, e até como um corpo, em sentido mais originário, por exemplo, seria necessário a ela poder alcançar uma possível visão (*Anschaung*), na qual sua possibilidade de ser como um corpo pudesse se tornar diretamente evidente, um solo ao qual está referida toda experiência corpórea, e com ela toda experiência de ser permanente em repouso e movimento. Aqui há que se asseverar: sobre meu solo-terra posso continuar sempre avançando e, de alguma maneira, experimentar

de modo sempre mais perfeito seu ser **corpóreo**. Ele tem seu horizonte no fato de que posso andar sobre ele e, andando, experimentar sempre mais dele e de tudo que está sobre ele, igualmente a outras pessoas que caminham sobre ele corporeamente e experimentam-no em comum comigo com tudo que está sobre e acima dele, todos chegando, por fim, à consensualidade. Tomo conhecimento da Terra por partes, e experimento também o caráter fragmentário de partes, que são verdadeiros corpos, seu ser fragmentado em repouso e em movimento – relativamente ao solo-terra que ora funciona novamente como repouso. Eventualmente digo a **Terra em repouso** – mas a **Terra** como o solo-terra unitário não pode estar em repouso e, assim, ser experimentada como um corpo no sentido propriamente de **um** corpo, que não só tem sua extensão e sua qualificação, mas também tem seu **lugar** no espaço, possivelmente alternando seu lugar em repouso ou em movimento. Enquanto não tenho nenhuma outra representação de um novo solo, um solo a partir de onde a Terra, num avançar e retroceder copertinentes, pudesse ter sentido como um corpo fechado em movimento e repouso, e enquanto não conquisto nenhuma representação de uma permuta dos respectivos solos, a Terra é propriamente solo, mas jamais corpo. A Terra não se move – talvez até eu diga **ela repousa**, mas isso só pode significar que cada pedaço de terra que eu fragmento ou que outros fragmentam ou que se fragmenta por si mesmo, esse sim que repousa ou se move, é um corpo. A terra é uma totalidade inteiriça, cujas partes – se forem pensadas por si, como o podem como fragmentadas ou fragmentáveis, são corpos, mas como **todo** ela não é um corpo. Eis então, aqui, um todo **consistindo** de partes corpóreas, mas nem por isso um corpo.

Como compreender então a possibilidade de novos **corpos-solo**, ou melhor, de novas **terras** como base de referência para experiência corpórea, e a possibilidade esperada de que, do mesmo modo que o outro corpo-solo, a terra, se transforme em corpo normal? Inicialmente, dever-se-ia dizer que é absurdo falar de antemão de um espaço universal vazio no sentido como já o fazemos no universo **astronômico** infinito, como espaço no qual está a Terra, ao modo como corpos estão ali dentro, espaço que circunda a Terra. Temos um espaço circundante como um sistema de locais – isto é, como sistema de possíveis términos de movimentos corpóreos. Ali, porém, todos os corpos terrestres possuem um **posto** respectivo, mas não a própria Terra. A coisa se modifica quando se alcança uma **possibilidade de pensar** o intercâmbio dos solos.

**Observação:** a dificuldade da constituição da Terra como corpo não é um tanto exagerada? A Terra é, pois, um todo de partes implícitas, cada uma passível de

partição real-empírica (*reell*) e cada um corpo tem seu lugar – e assim a Terra possui um espaço interno como um sistema de locais ou (mesmo que não seja pensado matematicamente) um *continuum* de locais em referência a uma partibilidade global. Portanto, é a mesma razão pela qual todo outro corpo, enquanto parcializável, também possui seu local em relação às partes. O espaço interno e o externo da Terra formam, entretanto, um único espaço. Ou será que ainda resta algo? Cada parte da Terra poderia se mover. A Terra tem movimentos interiores. Igualmente: cada corpo usual não só é parcializável, como tem sua deformação e seus movimentos internos contínuos, enquanto que como todo pode manter ou modificar a seu modo seu posto no espaço. Assim, a Terra tem deformação e movimento interno contínuo etc. Mas como pode se mover como um **todo**, como pensar isso? Não que ela estivesse firmemente acorrentada – para isso faltaria o **solo**. O movimento, portanto, a corporeidade tem algum sentido para ela? Seu local no espaço universal é realmente um **local** para ela? Por outro lado, o espaço universal não é o sistema de locais de todos os corpos, que depois se decompõem em partes implícitas da Terra (como parcializadas e móveis) e em corpos externos livres? Que tipo de curiosidades são essas da **visão de espaço**, ou do espaço desse nível?

Mas agora temos ainda que refletir sobre os corpos (*Körper*) externos – os corpos livres que não são pedaços implícitos de Terra – os corpos somáticos (*Leiber*). **Meu corpo somático** e os **outros corpos somáticos**. Estes últimos são percebidos como corpos no espaço, cada vez em seu lugar, e não percebidos, no entanto percebíveis (ou experimentáveis modificados) como o que dura continuamente, num movimento que se difunde sobre essa duração – repouso (também movimento interno e repouso interno).

Meu corpo somático: em experiência primordial não possui locomoção e nem repouso, apenas movimento interno e repouso interno, diferente dos corpos externos. No **eu vou**, como tal, **eu me movimento** cinesteticamente – não **se movem** todos os corpos e não se move todo o solo-terra sob mim, pois este pertence a um repouso corpóreo que os aspectos dos corpos **mobilmente** transcorrem em mim cinesteticamente ou não transcorrem sempre de acordo com meu manter-me imóvel. Não tenho locomoção; se permaneço imóvel ou se ando, tenho meu corpo somático como centro e os corpos em repouso e em movimento ao meu redor e o solo sem mobilidade. Meu corpo somático tem extensão etc., mas não tem mudança de lugar e não modificação no sentido que se dá a um corpo exterior, enquanto em movimento, afastando-se e aproximando-se, ou não em movimento, próximo,

distante. Mas também o solo sobre o qual meu corpo somático anda ou não anda não é experimentado como um corpo, como algo a ser locomovido ou não locomovido **como um todo**. Corpos somáticos de outros são corpos em repouso e movimento (sempre: locomoção, no sentido de se aproximarem ou distanciarem de mim), mas são corpos somáticos no **eu movo**, sendo que o eu é **outro eu**, para o qual meu corpo somático (*Leib*) é corpo (*Körper*) e para o qual todos os corpos exteriores que não são corpos somáticos para ele são os mesmos que eu tenho. Mas assim como cada corpo somático que é para mim corpo estranho, eu identicamente sou para todo outro identicamente o mesmo corpo (*Körper*) e o mesmo corpo somático (*Leib*) do mesmo eu, com exceção de seu corpo somático (*Leib*); e para cada eu, meu corpo somático é o mesmo corpo e, ao mesmo tempo, o mesmo corpo somático para o mesmo eu, estranho para eles, que eu mesmo sou para mim.

A Terra é a mesma para todos; sobre ela, nela, acima dela, os mesmos corpos vigendo sobre ela – **sobre ela** etc. os mesmos sujeitos corpóreo-somáticos (*leiblichen*), sujeitos de corpos somáticos, que são para todos os corpos num sentido modificado. Mas para nós todos, a Terra é solo (*Boden*), e não corpo em sentido pleno. Ora, supondo que eu fosse um pássaro e pudesse voar – ou então: olho para os pássaros que copertencem à Terra. Compreendê-los é transferir-se para dentro deles enquanto seres que voam. O pássaro está no galho, ou no chão, saltita e depois ergue voo. É como eu em seu experimentar e fazer, quando está sobre a terra e experimenta solo, experimenta diversos corpos, também outros pássaros, outros corpos somáticos e eu-corpos somáticos (*Leibes-ich*) etc. – como eu. Mas ele voa ao alto – que é uma cinestesia, como andar embaixo, pela qual todos os decursos manifestantes, que ademais seriam percebidos como repouso e movimento de corpos, se modificam, semelhante ao que se deu no andar. Só que diferente, na medida em que o manter-se imóvel e **ser carregado pelo vento** (o que não deve significar nenhuma concepção corpórea) é uma combinação de experiência com o **eu movo**, produzindo sempre de novo a **ilusão do movimento** numa **mudança da situação das asas** e no manter-se imóvel ali, mais uma vez, mas de outro modo. Essa última situação acaba “pousando”, de modo que o pássaro não está mais voando, mas assenta na árvore ou no chão, e eventualmente saltita ali etc. O pássaro se arranca da terra, onde ele tem experiências de não voo como nós, levanta voo e retorna: ao voltar ele tem novamente o modo de manifestação do repouso e movimento como eu, ligado à terra, voando e retornando. Através de outras cinestésias (através das suas cinestésias específicas do voar), ele

tem modos de manifestação motivados, mas analogicamente modificados, que na modificação, porém, tem o significado de repouso e movimento, visto que as cinestésias de voo e as do andar formam um único sistema cinestésico para o pássaro; nós, que entendemos o pássaro, compreendemos essa ampliação de suas cinestésias etc. O que repousa tem seu sistema de manifestação, que deve ser sempre de novo reproduzido como não andar, não voar etc.

Observemos o movimento de um corpo que salta para cima e para baixo, e a inversão do decurso manifestantes produz repouso e movimento no modo antigo, não só para mim, mas para qualquer um – assim compreendo necessariamente a todos. Compreendo seu saltar para cima como tal. Corpos que entram no meu campo visual, que entram, por exemplo, caindo **a partir do espaço vazio**, eu os compreendo como tais. “Como é isso? Eles estão se movendo sobre a Terra, para mim, pelo fato de que posso transformar cinestésias e, eventualmente, acompanhar, obtendo assim a modificação da aparência do repouso – as mesmas que significariam repouso para mim se eu estivesse cinestésicamente parado. Isso eu não consigo com corpos que se movem no espaço supraterrrestre; poderia se voasse. Mas posso lançar pedras para cima e vê-las retornando como pedras. Lançar pode ser um lançar mais ou menos raso, certamente ali as manifestações são tão análogas aos movimentos sobre o solo da terra que são experimentadas como movimentos. Assim como corpos, como esferas rotativas etc. são movidas por impulso, são assim lançadas etc. Seria de se mencionar também a experiência de um movimento de queda, na queda de um corpo terrestre alto, do telhado da casa, de uma torre.

Um corpo movido (moventes – *Wegen*) e, sobre ele, meu corpo somático – uma aeronave. “Eu poderia voar tão alto que a Terra apareceria como uma esfera”. A Terra também poderia ser tão pequena que eu poderia perpassá-la por todos os lados e indiretamente chegaria à representação da esfera. Descubro, portanto, que ela é um grande corpo esférico. Mas é justo esta a questão: se e como eu chegaria à corporeidade no sentido de que a Terra “astronomicamente” seria justo um corpo entre outros, dentre os corpos celestes. Tampouco se poderia dizer isso se fosse imaginado aleatoriamente o pássaro nas alturas e se pensasse que, com isso, ele poderia experimentar a Terra como qualquer outro corpo. Por que não? O pássaro e o avião se movem sobre a Terra para nós, homens, e para o próprio pássaro e o próprio homem no avião, enquanto ele tem como experiência a Terra como **corpo** de sua origem, **corpo-solo**. Mas o avião não pode funcionar como **solo**? Enquanto posto

originário de meus movimentos, eu não poderia permutar ou pensar a possibilidade de permutar o solo pelo corpo que se move frente ao solo? Que tipo de mudança de apercepção seria essa e como comprová-la? Eu não teria de pensar como transferido ao avião, como validade constitutiva (segundo a forma), tudo que dá sentido à Terra como meu solo, como solo de minha corporeidade própria como tal?

Isso não seria algo semelhante ao modo como eu, compreendendo um corpo somático estranho, pressuponho meu próprio corpo primordial e tudo que a ele pertence? Mas aqui, no modo da compreensão, conto necessariamente com a validade ontológica do outro. A dificuldade se repete com as estrelas. Para poder concebê-las indiretamente como corpos, já devo estar e ser homem sobre a Terra como meu solo de origem. Talvez se diga: a dificuldade não consiste em constatar se eu e nós pudéssemos voar e tivéssemos duas terras como corpos-solo, das quais voando pudéssemos atingir a que é cada vez a outra. Justo por isso, um corpo seria o solo para o outro. Mas o que significa duas terras? Dois pedaços de uma única terra com uma humanidade. Ambas juntas seriam um solo e seriam igualmente corpo cada uma para a outra. Ao seu redor teriam o espaço comum, no qual cada um como corpo teria eventualmente lugar móvel, mas o movimento seria relativo sempre ao outro corpo e irrelativo ao solo sintético de sua copertença. Os lugares de todos os corpos teriam essa relatividade, que geraria o seguinte problema relativo ao movimento e repouso: em relação a qual dos dois corpos-solo?

Só o solo-terra com espaço circundante de corpos pode se constituir originariamente, mas isso já pressupõe que meu corpo somático já esteja constituído, e também outros conhecidos e horizontes abertos de outros, distribuídos no espaço-em-espaço, que enquanto campo de proximidade e distância de corpos circunda a Terra e dá aos corpos o sentido de corpos terrestres e ao espaço o sentido de espaço terrestre. A totalidade do nós, os homens, os *animalia*, é terrena nesse sentido – e de imediato não tem contrário no não terreno. Esse sentido está enraizado e tem seu centro de orientação em mim e num nós estrito que vive em conjunto. Mas também é possível que o solo-terra se amplie, como quando aprendo a compreender que no espaço de meu primeiro solo-terra há grandes aeronaves, que viajam nele por longo tempo: numa delas nasci eu, viveu minha família, era meu solo ontológico, até que aprendi que somos apenas navegantes sobre a Terra mais ampla etc. Assim, uma multidão de postos-solo, postos-lar, pode chegar à unidade de um posto-solo. Mas sobre isso, à frente, virão mais complementações.

Inicialmente, se a Terra é constituída com corporeidade somática (*Leiblichkeit*) e corporalidade (*Körperlichkeit*), então também o céu é necessariamente campo do que pode ser experimentado ainda espacialmente enquanto extremo por mim e por todos – a partir do solo-terra. Ou está constituído um horizonte aberto das distâncias alcançáveis; a partir de qualquer ponto espacial alcançável para mim, há um horizonte extremo, limite (esfera horizontal), onde aquilo que pode ser experimentado como coisa distante por fim desaparece com o afastamento. E, ao contrário, posso naturalmente representar que os pontos que vão se tornando visíveis são corpos distantes, que se achegaram e ora podem se aproximar até atingirem o solo-terra etc. Mas também posso representar que são postos-lares-domicílios.

Mas há que se refletir que cada posto-domicílio tem sua **historicidade** a partir do respectivo eu que está domiciliado nele. Se nasci como menino navegante, tenho um pedaço do desenvolvimento na nave e isso não seria caracterizado para mim como nave em relação à Terra – enquanto não se estabeleceu uma unidade –, mas seria ele próprio minha **terra**, meu lar originário. Mas meus pais não eram habitantes originários da nave, tinham ainda um antigo domicílio, um outro lar originário. Dito genericamente, na mudança de postos-lar permanece isso (se os postos-lar têm o sentido usual de meu respectivo território, particular ou familiar): cada eu possui um lar originário – e esse pertence a cada povo originário com seu território originário. Mas cada povo e sua historicidade e cada suprapovo (supranação) está em última instância domiciliado naturalmente sobre a **Terra**, e todos os avanços, todas as histórias relativas têm assim uma história originária única, cujos episódios são eles próprios. É claro que se torna possível, ali, que essa história originária fosse um conjunto de povos que vivem e se desenvolveram totalmente separados, apesar de que todos eles, uns para os outros, jazem no horizonte aberto e indeterminado do espacial terrestre.

Tomemos agora as estrelas, depois de termos esclarecido a possibilidade de arcas que voam (isso também poderia ser um nome para postos-lar originários), que se apresentam na **experiência** (isto é, na historicidade, na qual se constituem o mundo e, nele, a natureza corpórea, o espaço natural e o tempo espacial, a humanidade e o universo animal) como meras **aeronaves** ou **naves espaciais** da Terra, dela partindo e a ela retornando, habitadas e guiadas por homens que, segundo sua última origem generativa, sendo origem histórica para eles mesmos, estabelecem moradia no solo da Terra como sua arca. Para isso, tomamos agora as estrelas – de início pontos

de luz, manchas de luz. No curso da experiência que está se desenvolvendo, são apercebidas como corpo distante, mas sem a possibilidade que sempre aparece de verificação normal da experiência, aquela em sentido primordial, no rigor de uma comprovação direta. **Corpos celestes:** tratamo-las como os corpos que apenas casualmente se tornam presentes faticamente para nós (mas eventualmente para outros), e às vezes são inacessíveis. Em relação a elas, tiramos conclusões de experiência, observações empíricas sobre o lugar, observações de seus movimentos induzidos etc., como se fossem corpos como outros. Tudo isso está relativamente relacionado com a arca solo-terra, a **esfera terrestre** e conosco, homens terrestres, enquanto a objetividade está referida à humanidade total. Mas e a própria arca-terra? Ela mesma não é propriamente corpo, não é uma estrela entre estrelas. Isso só se modifica se representarmos nossas estrelas como arcas secundárias com suas eventuais humanidades etc. – se nos fantasiarmos sendo transportados para lá e entre essas humanidades, voando para lá. Então isso se dá como a crianças nascidas nas naves, mas um pouco modificado. As estrelas são corpos hipotéticos num determinado sentido-como-se, e assim também a hipótese de que elas sejam postos-lares em sentido alcançável é algo de tipo especial.

A homogeneização da distância celeste, inclusive sob iteração, provoca suas questões fenomenológicas. O que é ali possibilidade essencial e possibilidade dada de antemão com o mundo terrestre, como constituinte de seu ser, através de seu modo de ser essencial? Com a interpretação hipotética das estrelas visíveis como corpos distantes, e através da forma essencial do limite da experimentabilidade da distância, já se deu a infinitude aberta do mundo terrestre como dotado de uma infinitude de corpos distantes possivelmente existentes. Sem mais, a homogeneização é compreendida por nós de tal modo que a própria Terra seria um corpo sobre o qual acidentalmente nos arrastamos de cá pra lá. Com o problema ora refletido, estamos propriamente num grande problema único, que é o do sentido correto de uma ciência da “natureza” universal puramente física – uma ciência fiscalista-astronômica, que se mantém na infinitude “astronômica”, no sentido de nossa física moderna (em sentido mais lato, astrofísica), e numa infinitude interna, a infinitude do *continuum* e do modo de atomizar-se ou de quantificar numa infinitude ou sem-fim – a física atômica. Nessas ciências da infinitude da natureza total, o modo usual de consideração é que corpos somáticos (*Leiber*) são corpos (*Körper*) tendo características específicas apenas por acaso, e que poderiam muito bem ser pensados como inexistentes, pois

é possível uma natureza sem organismos, sem animais e homens. Não estamos longe de pensar, e às vezes pensa-se fartamente de tal modo, que seria uma mera faticidade, uma fatalidade das leis da natureza que vigem no mundo, se o corpo animal e a vida psíquica estivessem ligados (causalmente) com certos corpos ou tipos de corpos de estrutura fiscalista; segundo isso, seria possível pensar que esses corpos, assim articulados, fossem precisamente meros corpos. Como também se acredita poder demonstrar em relação à Terra que nela certa vez não havia **vida**, tendo sido necessários longos espaços de tempo até que se formassem as substâncias de organismos de alta complexidade e surgisse, assim, a vida animal sobre a Terra. E também isso é considerado óbvio, a saber, que a Terra é apenas um dos corpos casuais do mundo, um entre outros, e quase seria ridículo, depois de Copérnico, querer pensar que, “só porque nós vivemos acidentalmente sobre ela”, a Terra seria o ponto central do mundo, privilegiada inclusive por seu repouso em relação ao qual todo móvel estaria em movimento. Parece que, com o que foi abordado até aqui, nós já abrimos uma brecha eficiente na ingenuidade científico-natural (não enquanto teoretizada, mas na medida em que em suas teorias ela crê alcançar verdade absoluta sobre o mundo, mesmo que em graus relativos de perfeição). Pode ser que a fenomenologia tenha apoiado a astrofísica copernicana – mas também o anticopernicanismo, segundo o qual Deus teria firmado a Terra num posto do espaço. Pode ser que a teoria e os cálculos matemáticos da astrofísica, que segue a Copérnico e assim toda a física, dentro de seus limites, conservem seu direito no nível da fenomenologia – mas uma questão diferente é saber se uma biologia puramente física – que deve continuar sendo biologia – pode conservar sentido e direito.

Refletamos então. Com que direito quereremos dar à Terra o valor de um corpo, de uma estrela entre estrelas? Mesmo que inicialmente apenas como possibilidade? Começemos com outra possibilidade. O pesquisador da natureza irá admitir que é um mero fato que vejamos estrelas como tal. Ele dirá que poderia muito bem ser que elas estão tão distantes que já não estariam ali para nós – Também o sol? Ele poderia ser invisível por causa de uma camada nebulosa. Teria sido assim em todos os tempos históricos – viveríamos, portanto numa, historicidade generativa e teríamos nosso mundo terrestre, nossa Terra e nossos espaços terrestres, e neles corpos que voam e pairam etc., tudo como até o presente, só que sem estrelas visíveis, experimentáveis para nós. Talvez tivéssemos uma física atômica, microfísica, mas não uma astrofísica, macrofísica. Teríamos de refletir, porém, em que medida a primeira

seria modificada. Teríamos nossos telescópios, microscópios, nossos instrumentos de medição sempre mais refinados; teríamos nosso Newton e a Lei da Gravidade, poderíamos ter descoberto que os corpos exercem gravidade uns nos outros, que ali os corpos podem ser vistos igualmente como divisíveis, como um todo de corpos parciais, que ali exercem gravidade como corpos autônomos e atuam segundo leis mecânicas, produzem derivados etc. Teríamos descoberto que a Terra é uma **esfera**, divisível em corpos, que enquanto unidade total de partes corpóreas exerce uma gravidade como totalidade, em relação a todos os corpos dela segregados, que estão no espaço terrestre e são visíveis e invisíveis. Que ali há corpos que só podemos perceber através de telescópios e telescópios cada vez mais aperfeiçoados, que estão muito além do que nos é visível usualmente, tudo isso nós saberíamos. Então podemos dizer a nós mesmos: finalmente poderiam naturalmente estar corpos aleatoriamente grandes em distâncias ainda não/jamais acessíveis a nossos sentidos. Sem vê-los, sem ter notícia direta deles, mesmo hipoteticamente como corpos distantes equiparáveis aos corpos usuais, poderíamos fazer induções dos efeitos gravitacionais etc., calcular a existência de tais **estrelas**. Para todo fisicalista, a Terra acabaria sendo um corpo como qualquer outro e também teria estrelas ao seu redor. Faticamente, já temos em vista estrelas e as encontramos cientificamente como relações fisicalistas calculáveis com a Terra – essa, enquanto fisicalisticamente a eles equiparável, é um corpo entre corpos. Portanto, não tocamos na física.

Mas tudo depende disso: não esquecer o dar-se prévio (*Vorgegebenheit*) e a constituição que pertence ao ego apodítico, a mim, a nós, como fonte de todo sentido de ser real e possível, de todas as ampliações possíveis, que pode ampliar a edificação do mundo já constituído na historicidade em curso. Não podemos cair de antemão, imperceptivelmente, na perversidade – que é realmente perversidade (*Verkehrtheit*) – de pressupor a concepção de mundo reinante naturalista e, depois, antropológica e psicologicamente considerar como um acontecimento acidental óbvio sobre a Terra, na história da humanidade, a história das espécies, dentro do desenvolvimento dos indivíduos e povos, a formação da ciência e da interpretação de mundo; esse acontecimento poderia muito bem dar-se também em Vênus ou Marte. Também a Terra e nós, homens, eu e meu corpo somático e eu em minha geração, meu povo etc. Portanto, também toda essa historicidade pertence inseparavelmente ao ego, e por princípio isso é irrepetível. Antes, tudo que é está retrorreferido a essa historicidade da constituição transcendental como núcleo instituído e núcleo em

ampliação – ou tudo que foi descoberto de novo como possibilidade de mundo está ligado no sentido de ser que já está pronto. Segundo isso, queremos pensar em tirar a seguinte conclusão: deve-se destacar que a Terra não pode perder seu sentido de **posto de lar originário**, de arca do mundo, e tampouco meu corpo somático pode perder seu sentido de ser totalmente único como corpo somático originário, do qual todo corpo somático deriva uma parte de seu sentido de ser e como nós, homens, precedemos os animais em nosso sentido de ser etc. Mas nisso, nessa dignidade constitutiva ou ordem de valores, todas as equiparações (homogeneizações) necessariamente coconstituentes entre corpo somático (*Leib*) e corpo físico (*Körper*), ou corpo somático físico enquanto corpo igual a outros, humanidade como espécie animal entre espécies animais e, assim, finalmente a Terra como corpo do universo entre corpos do universo, nada podem modificar. Posso muito bem pensar ter sido transportado para o corpo lunar. Por que razão não posso imaginar a lua como algo semelhante a uma Terra, a algo como um domicílio animal? Sim, partindo da Terra posso muito bem imaginar ser um pássaro que voa para um corpo distante, ou voar como piloto de uma aeronave e lá pousar. Sim, posso imaginar que ali já houvesse homens e animais, mas pergunto por acaso “como chegaram lá”? – do mesmo modo como junto a uma ilha virgem, onde encontro escritos cuneiformes, pergunto: como esses povos chegaram até aqui? Todos os animais, todos os seres vivos, todo ente só tem sentido de ser a partir de minha gênese constitutiva, e essa gênese **terrestre** os precede. É verdade que um bloco de terra (como um bloco de gelo) pode ter se desprendido e isso possibilitou uma historicidade específica. Mas isso não diz que igualmente a Lua ou Vênus pudessem ser pensados como lugares originários na separação originária, e que seria um mero fato que, para mim e nossa humanidade terrestre, seria precisamente a Terra o lugar originário. Há somente uma humanidade e uma Terra – a ela pertencem todos os blocos fragmentados que se desprendem ou se desprenderam. Mas se é assim, será que temos o direito de dizer com Galileu: *eppur si muove?*, ao invés de afirmar o contrário: “ela não se move!”? Em todo caso, não pelo fato de repousar no espaço, muito embora pudesse se mover, mas como tentamos expor acima: ela é a arca, a primeira e única que possibilita o sentido de todo movimento e de todo repouso como modalidade de um movimento. Mas seu repousar não é uma modalidade de um movimento.

Ora, parece exagerado, meio tresloucado, querer contradizer todo conhecimento científico-natural da realidade e da possibilidade real. Vivemos a possibilidade de

que a morte térmica extermine toda vida sobre a Terra, ou que um corpo celeste se precipite sobre a Terra etc. Mas mesmo que em nossos ensaios nada mais se veja que uma incrível *hybris* filosófica, não arredamos um passo em nossa coerência explicativa das necessidades de toda dação de sentido ao ente e ao mundo, tampouco frente aos problemas da morte, como a concebe a fenomenologia em seu novo modo de abordagem. No presente, eu estou caminhando num morrer progressivo: os outros morrem para mim quando eu não encontro a conexão atual com eles. Mas, nisso, a unidade atravessa minha vida por meio da recordação – eu ainda vivo, embora sendo diferente, e continuo vivendo a vida que está atrás de mim, e cujo sentido do atrás-de-mim encontra-se na repetição e na repetibilidade. Assim, o nós vive na repetibilidade e continua vivendo ele próprio na forma da repetibilidade da história, enquanto que o indivíduo “morre”, isto é, já não pode ser “lembrado” sensorialmente pelos outros, mas apenas na lembrança histórica, onde os sujeitos da lembrança podem ser representados.

O que pertence à constituição é isso e só isso que é necessidade absoluta e derradeira – e é só a partir daí que se devem determinar em última instância todas as possibilidades pensáveis de um mundo constituído. Que sentido podem ter as massas aglomeradas no espaço, num espaço estabelecido de antemão como absolutamente homogêneo e *a priori*, se a vida constituinte for suprimida? Esse suprimir simplesmente não tem sentido – e se tem, qual? – como supressão de e na subjetividade constituinte? O ego vive e precede todo ente real e possível, precede o ente de qualquer sentido real ou irreal. O tempo constituído do mundo abriga em si o tempo psicológico, e o elemento psicológico remete ao transcendental – mas não de tal modo que o psíquico em sentido objetivo pudesse ser convertido em transcendental, e sobretudo quando, em plena conformidade, sob algum ponto de vista abstrato e relativamente justificado, se pressupõe de alguma forma um mundo homogêneo, ou mais precisamente, a natureza e, ali, o psíquico ligado ao psicofísico. Lançando mão disso, opera-se otimamente na prática (formando e explorando uma ciência para a práxis humana natural), e logo se transmuda em transcendental, aplicando então os paradoxos que brotam dali contra a fenomenologia.